

O PERFIL DO ACADÊMICO DE LETRAS PRESENTE NOS RELATÓRIOS DE ESTÁGIO

Rita Maria Decarli Bottega^{*}

RESUMO: O trabalho apresenta a análise de um relatório de estágio supervisionado elaborado por um acadêmico do Curso de Letras da Unioeste, campus de Marechal Cândido Rondon, em 2007, procurando perceber alguns pontos positivos do trabalho em questão e, em contrapartida, alguns aspectos que deixaram de ser abordados pelo graduando. Por fim, sistematizando os aspectos discutidos, apresentamos alguns elementos que fazem parte de um relatório de estágio coerente com o perfil de um acadêmico de Letras. Com o trabalho, espera-se contribuir para a discussão sobre a produção resultante das experiências de estágio e, simultaneamente, sobre a produção no ensino superior. Como referencial teórico, utilizou-se o proposto por Pêcheux (1997), Foucault (1992 e 1998) e algumas das posições defendidas por Eufrásio (2007).

PALAVRAS-CHAVE: ensino, formação docente, relatório.

ABSTRACT: This paper presents the analysis of a report prepared by the supervised training of an academic course of Unioeste Letras, Campus de Marechal Cândido Rondon in 2007, looking to see some positive work in question, however, some aspects that no longer be broach by the student. Finally, systematizing the discussed aspects, we present some elements that are part of a report of probation consistent with the profile of a students. With work, it is expected to contribute to the discussion on the experiences of the output stage, while on production in higher education. As theoretical framework, using the proposed by Pêcheux (1997), Foucault (1992 and 1998) and some of the positions advocated by Eufrásio (2007).

KEYWORDS: education, teacher training, report

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O relatório escolhido para a análise foi considerado de bom nível pelo professor da disciplina de Prática de Ensino e se refere ao estágio realizado no Nível Fundamental em 2007, cujos encaminhamentos orientavam para atividades de pesquisa na experiência em sala de aula, vinculadas às atividades de estágio supervisionado. Serão utilizadas neste trabalho as partes do relatório que se referem à análise das aulas em que o estagiário atuou em co-participação e como docente da turma.

Como hipótese genérica, admitimos que, se o estagiário não produziu um relatório considerado modelar, no nível da excelência, isso não quer dizer que seu relatório não tenha pontos positivos, elementos que deram

^{*} Professora auxiliar do Colegiado de Letras da Unioeste, Campus de Marechal Cândido Rondon e aluna do curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo.

ao trabalho, por exemplo, nota suficiente para que o seu produtor fosse aprovado na disciplina. Assim, interessa-nos perceber os aspectos positivos e, em contraponto, apresentar o que poderia ser ainda melhorado na produção do texto-relatório, tendo em vista dois lastros teóricos específicos: a) os pressupostos da linha francesa de Análise do Discurso, especialmente no que se relaciona às condições de produção dos enunciados, que são historicamente situados e que trazem em cena os papéis sociais dos sujeitos envolvidos no discurso; b) as proposições de Eufrásio (2007), quanto analisa relatórios de pesquisa e de estágios, objetivando localizar neles traços das formações discursivas do dogma ou da investigação e c) os pressupostos, tomados de Foucault, especificamente no que se refere à função-autor e aos mecanismos de controle dos discursos.

O DISCURSO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Se os discursos encontram-se inseridos numa cadeia de produção verbal ininterrupta, conforme Bakhtin (1995), então aquele que é proferido pelo estagiário também está incluso nesta cadeia que ancora a construção de discursos sobre o ensinar e o aprender Língua Portuguesa. Mais do que isso: o relatório também está relacionado com o que é percebido como verdadeiro para a época, sujeito que está, assim como os demais textos, aos mecanismos de controle dos discursos (FOUCAULT, 1998). Além de estar vinculado ao verdadeiro para o momento e ao elenco encadeado dos discursos proferidos, longe de ser razão para a mera repetição ou a mera afiliação aos discursos considerados ou reconhecidos como verdadeiros ou válidos para um determinado momento, faz-se necessário que este discurso se construa como mais um elemento nesta cadeia, o qual, filiado a outros textos, possa contribuir para o avanço das idéias desta mesma época. Neste sentido é que defendemos que os textos produzidos na universidade, inclusive os trabalhos relacionados ao estágio, contribuam (cada um ao seu nível de complexidade), para a produção do conhecimento, cujo *locus* são as instituições de ensino superior.

Pelo exposto, os mecanismos de controle dos discursos agem sobre as condições de produção do texto-relatório: o acadêmico o elabora e o entrega ao professor de Prática de Ensino no final das atividades de estágio, que atribui uma determinada avaliação para o texto entregue. Temos aí também os papéis sociais de acadêmico e professor, ambos na instituição universitária. Talvez estes papéis sociais contribuam para que os textos-relatórios adquiram, muitas vezes, uma determinada forma, sem que o espaço de construção particular tenha eco. Se “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem

de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1997, p. 82, grifos do autor), a produção do relatório de estágio sofre também a ação das relações sociais entre professor e acadêmico.

Não estamos apregoando, portanto, um discurso proferido em que a função-autor, conforme prevê Foucault (1992) crie o jamais dito, o inusitado (se bem que isso seria perfeitamente possível e aceitável), mas o discurso que, admitindo outros já-ditos e reflexões já realizadas, possa contribuir com uma “certa inovação”, um certo olhar particular, pessoal, subjetivo em relação ao vivenciado na experiência de estágio, articulando conjuntamente a experiência de graduando em Letras que o estagiário possui.

Em se tratando de relatórios de estágio, tal opção se faz ainda mais presente: o estágio supervisionado é um momento em que, normalmente, o acadêmico é colocado (pela instituição) e se coloca (na relação das experiências docentes que teve – inclusive das referências que possui enquanto aluno) em conflito, angustiando-se por vivenciar uma experiência nova, diferente daquelas comumente presentes no cotidiano universitário. Ao mesmo tempo, esta experiência apresenta-se e se constitui pela incerteza, que vai da aula planejada (de acordo com o plano de aula do dia, auxiliado pelo professor orientador) e, até certo ponto, imprevisível diante da situação da prática, da relação com a turma. Então, no relatório de estágio apresentado ao professor da disciplina de Prática de Ensino é o momento ou a oportunidade de, experienciando o ato de produção do texto escrito, partir do vivenciado para o escrito, para o registro. Nesse sentido, é que o texto-relatório pode apresentar o particular, o singular: a experiência de estágio que foi única e irrepetível (tanto nos seus pontos positivos, de sucesso, como nos de dificuldades e estranhamentos), que passa a ser registrada.

O momento da escrita do relatório, além de promover um re-memorar – e reviver – o acontecimento do estágio, agora organizado sob forma escrita, é um momento em que o estagiário vai tentar articular o realizado com o que sabe sobre o processo de escrita em si, este entendido como o domínio da estrutura da configuração texto acadêmico – gênero relatório – e também do processo de domínio dos mecanismos de elaboração textual. Assim, a experiência particular do estagiário, até chegar à versão final do relatório, é esmagadoramente atravessada por dois processos: o de olhar para a própria experiência, para a atividade realizada na escola e dela separar os aspectos relevantes e que merecem presença e menção no relatório e o de transformar ou materializar esta experiência em palavras escritas, em um formato de texto até certo ponto definido.

Como saída a estes “entraves”, ouvimos de professores, informalmente, que muitos alunos procuram, algumas vezes, a saída mais fácil e rápida para dar “conta” da atividade: produzir um relatório-cópia ou

muito parecido com os tantos que estão na prateleira da biblioteca. Esta estratégia de apropriação é facilmente percebida pelo professor corretor e traz consigo uma proposta de não-aventura sobre o apresentado no parágrafo anterior: o re-viver da experiência e a labuta com as palavras, que deveria ser tão cara a um estudante de letras.

Pelo exposto, o que o título do presente texto traz como “O perfil do acadêmico de Letras presente nos relatórios de estágio” pode ser entendido como algo voltado à especificidade da formação em Letras, ou seja: um relatório produzido por um acadêmico de Letras precisa ter elementos que denotem a especificidade da área. Uma aula observada por um estudante da graduação em Letras deve contar com apreciações mais específicas do que se um acadêmico de uma outra licenciatura observasse a mesma situação. Estas apreciações mais específicas devem se relacionar também ao uso da linguagem.

Como já explicitado, para o presente trabalho, optamos por apresentar um relatório de estágio considerado de bom nível pelo professor da disciplina de Prática de Ensino, redigido em 2007, produzido como resultado da experiência de estágio supervisionado no Nível Fundamental em uma escola pública da cidade de Marechal Cândido Rondon. Os dados referentes à identificação da turma, do acadêmico, do professor da turma, do orientador foram omitidos. No lugar deles, colocamos reticências ou a letra X. Para efeitos de apresentação do fragmento no corpo deste texto, a transcrição de partes do relatório será feita em letra de tamanho normal, constando aspas, com adentramento de parágrafo. Desta forma, diferencia-se o que é transcrição do relatório do que é citação bibliográfica longa, esta marcada com recuo de parágrafo e letra menor.

Não temos a pretensão de analisar todos os aspectos presentes no relatório, mas apontar alguns elementos que permitam localizar os pontos que consideramos positivos e, em contrapartida, alguns que ficaram excluídos da análise feita pelo acadêmico.

ELEMENTOS PRESENTES E AUSENTES NO RELATÓRIO

Os aspectos a seguir apresentados são percebidos com pontos positivos:

- a) Descrição detalhada, pormenorizada do ocorrido na aula.

O relatório apresenta, a título de complementação da descrição em detalhes da aula, sete anexos referentes ao material utilizado. Desta forma, o “panorama da aula” pode ser traçado, conforme fragmentos a seguir:

“A primeira aula de co-participação ocorreu no dia..., das nove horas e dez minutos às dez horas, ao passo que a segunda aula, neste mesmo dia, ocorreu das dez horas e dez minutos às onze horas.

Para dar início às aulas, que eram geminadas, ainda que separadas pelo intervalo para recreio, a professora X saudou a turma e iniciou a chamada, constatando uma frequência assídua dos alunos (29 alunos presentes de uma turma com 31 matriculados).” p. 2²⁷.

“Após a participação do estagiário, a docente retomou a aula para encaminhar uma atividade de atribuição de siglas aos Estados que compõem o Brasil (Anexo 2). Em seguida, professora X passou na lousa uma relação de abreviaturas referentes às unidades de medidas internacionais, dentre as quais se incluem mm, cm, m, km, h, km/h, kg, L, mL e t.” p. 3.

“Contudo, a condução da atividade foi interrompida por algumas conversas paralelas isoladas, entretanto, bastou a imposição da professora para que a situação fosse revertida. Na seqüência, a professora destinou alguns minutos da aula para que o estagiário fizesse sua segunda participação efetiva em sala. Este, por sua vez, conduziu a correção da atividade retomada pela docente, de forma oral e, esporadicamente, via lousa. (...)

Ao passo que a professora passava revisão no quadro, era possível observar que nem todos os alunos copiavam e, inclusive, muitos deles nem haviam aberto o caderno, enquanto outros conversavam sobre assuntos dispensáveis à aula.” p. 9.

“Para finalizar a aula, e o estágio como um todo, o estagiário entregou à turma uma fotocópia (Anexo 7), a qual continha diversas frases construídas a partir de diferentes figuras de linguagem, cabendo-lhes²⁸ identificar a ocorrência destas. (...)” p. 19.

Qual o efeito se sentido criado no relatório, a partir das descrições pormenorizadas? Inicialmente, elas denotam um cuidado por parte do elaborador em estabelecer uma seqüência para as atividades, sendo elas apresentadas de forma completa, já que constam a seqüência da aula e os exercícios e/ou atividades realizadas (presentes nos anexos). Tais cuidados fazem com que o texto-relatório tenha clareza (e não seja lacunar, sem que o leitor consiga estabelecer ordenação para o ocorrido) e ainda permita a visualização – logicamente intermediada pelo olhar do outro/estagiário – da situação da sala de aula.

27 Transcrição dos trechos conforme aparecem na versão original, inclusive com os recuos de parágrafos.

28 Aqui há um problema de coesão referencial, uma vez que o pronome empregado não concorda com o substantivo turma. Outra inadequação está presente na grafia das medidas, no segundo fragmento, L e mL. Contudo, estas inadequações não desabonam o que colocamos como pertinente em relação ao texto produzido.

b) Postura do acadêmico em relação ao uso do livro didático

No texto, o produtor faz menção ao uso do livro didático, lançando, ainda que brevemente, uma visão propositiva, não meramente denunciativa, não se contentando com o que lá está proposto. É a noção do livro didático percebido como instrumento que está presente. Chamamos a atenção para o fato de que, muitas vezes, o eco dos discursos sobre o livro didático aparece nos relatórios sob duas formas básicas: a negação do seu uso, porém sem que o estagiário aponte como seria realizado o trabalho; a noção do livro didático como instrumento, mas, à semelhança do anterior, sem que seja apresentada alguma outra forma de realização da atividade. Estes dois “ecos de discursos” constam no relatório somente como forma de consonância com o que o professor corretor quer ouvir ou estão de acordo com leituras realizadas na disciplina. Sem um amadurecimento ou uma reflexão do estagiário, apenas negar o uso do livro didático ou admiti-lo como instrumento é dar uma resposta genérica apenas, proferir um discurso “vazio”, sem articulação com a situação de ensino na qual o graduando está envolvido. No caso do R1, o que foi realizado com base em outras fontes aparece mencionado da seguinte forma no relatório em análise:

“Tanto a conceituação acerca de ‘denotação’ quanto de com ‘conotação’ foram transmitidas aos alunos não apenas com base no livro didático, mas também em materiais extras, oriundos de outras fontes (Anexo 4).” p. 13.

“(…) por meio de bibliografias complementares ao livro didático (Anexo 5), visto que este, apenas, é insuficiente para o desenvolvimento do conteúdo.” p. 15.

c) Formas do estagiário se posicionar a partir da experiência de estágio

Ainda que de forma breve, aparece um posicionamento sobre a experiência realizada. O graduando apresenta suas impressões sobre o que faz, inserindo-se como parte do processo de aprendizagem, apresentando-se como sujeito que reflete e aprende, percebendo o processo de ensino também como retro-ação: uma ação sobre o professor também.

“Após a realização deste estágio, a sensação que fica é de dever cumprido, mas também de um ‘querer mais’, visto que o estágio serviu como suporte para elucidar possíveis dúvidas acerca da atuação profissional após a graduação em Letras. Contudo, este primeiro contato com a prática de ensino em sala de aula foi fantástico, demonstrando que ensinar é bem que ensinar, é também aprender, a

partir das vivências em sala de aula.” p. vii – Apresentação.

“(...) esta atividade figurou como uma avaliação, não apenas do aprendizado dos alunos, mas também da capacidade do estagiário.” p. 15.

“Portanto, a popular prova serve não apenas para verificar a capacidade de aprendizagem dos alunos, mas também a de ensino do professor, além de denotar aspectos relevantes acerca da metodologia utilizada em sala e da didática empregada pelo docente.” p. 19.

Após estes tópicos, apontaremos o que deixou de ser apresentado no relatório e que se refere ao perfil do acadêmico de Letras:

a) análise sobre a não-participação dos alunos:

Mais de uma vez, aparecem menções sobre as conversas paralelas entre os alunos e a interferência da professora, como em: “(...) a condução da atividade foi interrompida por algumas conversas paralelas isoladas, entretanto, bastou a imposição da professora para que a situação fosse revertida.” p. 9. No entanto, este dado não é interpretado, constando apenas como parte da descrição da aula. O que aparece como descrito deve estar presente na análise, afinal o momento da aula é também o da coleta e registro de dados, e como tal, o que é relevante – seja pela interferência na aula, seja pela recorrência – merece ser interpretado, a partir de uma questão que nos parece básica: o que esta ocorrência significa no contexto da aula?

b) o processo de ensino é percebido de forma ambígua, ora como repasse, ora como construção:

A seguir, no primeiro bloco de citações vemos estabelecida uma determinada relação com o conteúdo; no segundo, esta relação é alterada.

“(...) a professora continuou o que havia planejado, concluindo o repasse do conteúdo no quadro...” p. 9.

“(...) assimilando o conteúdo trabalhado.” p. 12.

“Tanto a conceituação (...) foram transmitidas aos alunos...” p. 13.

“Ao longo do filme, quanto julgava pertinente, o estagiário acionava o recurso

‘pause’ para debater com a turma sobre trechos do filme que relacionavam-se com as principais figuras de linguagem trabalhadas...” p. 17.

“A partir dessa atividade, os próprios alunos deixavam fluir sua imaginação, citando algumas frases que tinham sentido figurado e essa espontaneidade que eclodiu no decorrer da aula foi canalizada para a revisão de algumas figuras de linguagem que não haviam ficado bem esclarecidas, ou seja, a partir de discursos provindos de experiências que os alunos trazem consigo acerca das imagens observadas foi possível estabelecer uma relação de análise lingüística desses discursos, identificando o sentido figurado presente nesses dizeres.” p. 19.

Se, num primeiro momento, o estagiário refere-se à aula e aos conteúdos explicitamente como repasse, assimilação e transmissão, num segundo momento a relação com o conteúdo passa a ser apresentada por “debater com a turma” e, a partir da criatividade e imaginação dos alunos, “essa espontaneidade que eclodiu no decorrer da aula foi canalizada...”. Tais ocorrências que pertencem a formas diferentes de lidar com o conteúdo demonstram, no mínimo, uma certeza: a da incerteza do acadêmico na relação com o conhecimento em sala de aula. Agora, uma questão merece destaque: como é possível percebermos esta incerteza que gerou ambigüidade? Somente porque o produtor escreve com domínio da língua em sua forma escrita e porque, no caso das duas citações finais, não economizou palavras para apresentar a experiência. O detalhe, neste caso, é o mote que revelou o que o graduando pensa e a dúvida que possui. Uma descrição muito breve, neste caso, engoliria a incerteza revelada. Neste caso, esta, porque foi apresentada, aponta para o que ainda precisa ser esclarecido nas aulas de Prática de Ensino.

A partir disso, destacamos que, na produção do relatório de estágio, são dois os momentos cruciais que vão nortear a elaboração do trabalho: o relato do vivenciado e a especificidade do trabalho com a linguagem. Sobre isto, reiteramos, a partir das palavras de Eufrásio (2007, p. 116):

Com isso, retornamos mais uma vez à questão de como a escrita, por vezes, não é exercida enquanto parte da pesquisa e, por isso, a função-autor mantém a coerência textual em relação à estruturação do trabalho, ao exercício de uma determinada metodologia de análise, à filiação teórica, mas se descuida aos detalhes para que a escrita seja estritamente rigorosa.

Qual seria o perfil do graduando de Letras, tendo em vista uma produção mais investigativa e menos dogmática? Quais aspectos seriam importantes para a produção de um relatório de estágio que fosse capaz de atender a esse perfil? Para a resposta à primeira questão, recorreremos nova e propositadamente, às palavras da autora (p. 57):

O que esperamos então do graduando de Letras? A expectativa é que, em seus relatórios de pesquisa e estágio, constitua-se um espaço de resistência aos discursos cristalizados, possibilitando assim o avanço em relação àquilo que já está dito. Pensamos, todavia, que quando abordamos um possível posicionamento crítico dos alunos de Letras em seus textos escritos, na verdade, estamos discutindo um determinado modelo de formação universitária, que tem supervalorizado o ato de resenhar textos de outros, deixando num lugar pouco visitado o ato da escrita enquanto construção do conhecimento.

Como base no exposto e procurando responder à segunda questão, destacamos alguns elementos que, ao nosso olhar, podem contribuir para uma reflexão sobre a produção dos relatórios:

- Descrições detalhadas, cuidadosas e relevantes para a construção de interpretações. O momento da aula é particular e irrepetível. É importante descrever suas nuances para que elas possam depois ser analisadas.

- Os dados não devem apenas fazer parte do texto enquanto dados, mas para serem interpretados, refletidos.

- Pertinência nos recortes teóricos e nas citações com o que está descrito na aula e com o dado a ser interpretado. Tal procedimento vai garantir coerência do texto e, ao mesmo tempo, propriedade analítica.

- Percepção das citações (ou qualquer remissão aos textos-fonte) como conhecimentos dados para o momento e a serem construídos ainda, não apenas para corroboração do já-dito;

- Apresentação de apreciações pessoais acerca da experiência realizada, o que vai denotar uma singularidade do vivenciado no estágio.

- Atenção para a acuidade lingüística: o momento da produção do texto é também o da construção do conhecimento. Portanto, no laborioso (afinal fazer rascunhos e refazer o texto várias vezes é uma labuta mesmo) trato com as palavras, a construção do texto “constrói”, no sentido de edificação, também o produtor do mesmo texto.

Para finalizar, ressaltamos que a aposta na construção de um relatório de estágio que se aproxime mais da experiência realizada pelo acadêmico, que seja bem redigido e que promova reflexões que possam contribuir para as discussões sobre o ensinar e o aprender Língua Portuguesa se dá por acreditarmos que as produções na universidade podem auxiliar a olharmos e pensarmos sobre o mundo, as coisas e os outros. Ainda porque, contrariando a padronização gerada pelos tempos de globalização, há, felizmente, a idiosincrasia inconclusa do ser humano, como tão bem diz Riobaldo Tatarana (GUIMARÃES ROSA, 2006, p. 23):

O senhor... Mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso me alegra, montão.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (V. N. Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

EUFRÁSIO, Daniela. *Traços das formações discursivas do dogma e da investigação em relatórios de pesquisa e de estágio: reflexões sobre o papel da pesquisa na formação docente*. São Paulo, 2007. Dissertação. (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 4.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

_____. *O que é um autor?* 2.ed. Porto: Veja Passagens, 1992.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande sertão: veredas*. 3ª reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. (Coleção Biblioteca do Estudante).

PÊCHEUX, Michel. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. In: GADET, F.; HAK. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. Ed. São Paulo: Ed. da Unicamp, 1997.